

A DOCTRINAÇÃO CIENTÍFICA NO ENQUADRAMENTO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Mateus Vieira Orio

Doutorando em Sociologia pela
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Mestre em Sociologia (UFG),
Graduado em ciências sociais (UFG).

O ensino superior teoricamente tem como função estimular no estudante a capacidade de pensar de maneira crítica e reflexiva, possibilitando que o mesmo compreenda a realidade de maneira autônoma. Porém, o que ocorre de fato é o constante enquadramento do estudante, de suas maneiras de pensar, ao modo da ciência na contemporaneidade, redundando em um pensamento hierárquico, acríptico e doutrinário.

Quando estamos no ensino médio raciocinamos de maneira geral sobre nossa vida, nossa sociedade e também sobre a origem do mundo, dos seres humanos e várias outras questões de grande alcance. Nosso pensamento é permeado por tudo aquilo que vivemos, tudo aquilo que foi abarcado em nossa consciência no desenvolvimento das relações sociais que participamos. Temos então noções de religiosidade, filosofia e máximas científicas para tentar nos ajudar a pensar o mundo em que vivemos. Nas provas na escola tentamos reproduzir o que o professor pede ao mesmo tempo em que buscamos raciocinar acerca daquilo que acreditamos ou queremos acreditar.

Ao chegar à Universidade acreditamos poder finalmente dar vazão às nossas aspirações por novos conhecimentos e descobertas (além, é claro, de imaginarmos um mundo de possibilidades profissionais que almejamos ou que nossos pais almejam para nós, mas esta é outra discussão). O que ocorre, porém, é que aos olhos da Ciência nós somos meros calouros, como se fossemos um animal raquítico que precisa urgentemente de nutrientes para sua sobrevivência e fortalecimento. Estes nutrientes, os

ensinamentos da Academia, passam a ser injetados em nós para que possamos o quanto antes exercitar com força e precisão as Atividades Científicas.

Tudo o que tínhamos até então deve ser desconsiderado, nossas ideias sobre nossa vida e o mundo são demasiado singelas diante da protuberância Científica. E assim começa nossa doutrinação. Ao ter uma ideia a apresentamos ao nosso professor, o Cientista, e ele logo retruca: “Elementar, meu caro aluno”. Logo nos convence de que o que pensamos ou já foi pensado ou reflete algo oposto a outra coisa que já foi publicada por um Grande Cientista do passado com um nível de elaboração que põe ao chão toda e qualquer possibilidade de crítica por parte do reles aluno.

O estudante é convencido então a passar pelo ritual da Iniciação Científica: ler toda a doutrina de cabo a rabo para então poder se pronunciar. Mas o fato é que é humanamente impossível ler tudo que já foi escrito e o momento da fala, da interlocução, é infinitamente adiado. Assim, tal como seu professor já fizera, o aluno passa a se conformar em ser um mero receptor e reproduzidor e nunca um emissor e criador de ideias.

As etapas necessárias a cumprir e as atividades rotineiras a desempenhar minam toda e qualquer possibilidade de manifestação de um pensamento crítico e reflexivo, que supostamente deveria ser enfatizado. O estudante não é incitado a criticar e quando o faz é logo repreendido por não ter lido todo o texto, por apresentar um argumento demasiado simples, por sair do assunto ou mesmo por apresentar discussão imprópria para o Templo do Saber. Assim, após algumas tentativas o estudante aprende que criticar não é uma de suas prerrogativas e suas reflexões não giram em torno da busca de alternativas, mas tão somente da conformação das ideias dos Cientistas em sua consciência.

O Cientista valoriza acima de tudo a Ciência, assim, reproduz para o estudante a hierarquia e as exigências são cada vez maiores. A não observância destas condições acarreta ao estudante a possibilidade de perda de posições, então se ele era considerado um estudante aplicado, pode ser rebaixado ao nível do calouro e não ser indicado a

ocupar uma cadeira mais próxima do professor. E o professor, por não querer perder sua cadeira na frente da sala, reproduz o discurso Científico que é o que o mantém vivo. Quem desobedece ao professor não tem lugar cativo, pois muitas vezes o princípio da amizade (ou, melhor dizendo, da submissão ao professor) se antepõe ao princípio do mérito.

A universidade se aproveita dos indivíduos que não têm uma visão de mundo bastante elaborada para acomodar o pensamento deles. Poda a todo instante aqueles que possuem convicções firmes para que as deixem de lado e assumam a doutrina relativista e submissa da academia. O academicismo é eclético e incoerente. O estudante tem que ler sobre tudo, assimilar e reproduzir, mas nunca refletir. Não importa se um Cientista disse algo que contraria aquilo que outro Cientista disse, pois desde que ambos estejam na moda é necessário acasalá-los, mesmo que o resultado deste cruzamento seja uma figura totalmente monstruosa.

Os burocratas universitários, os financiadores das pesquisas, os professores que reproduzem a lógica hierárquica, chefes de departamentos, comissões para definição de ementas e práticas de ensino, etc. todos estes são os agentes da destruição da criatividade dos estudantes. E sobre isso tudo influem as relações sociais em geral, a sociabilidade burguesa e a ideologia dominante. Desta forma, a Ciência, que é subordinada ao capital, reproduz indivíduos enquadrados e também reprodutores.

Todos os desejos dos estudantes na medida em que são enquadrados nestes moldes perdem seu conteúdo autêntico e passam a carregar um conteúdo inautêntico, fruto do processo de alienação em que os projetos, por mais que planejados e articulados, contém sempre uma parcela de heterodeterminação expressa pelas imposições da sociedade. Nesse sentido, por mais que tenhamos o conhecimento como um valor, ou seja, que tenhamos aspiração por conhecimento como forma de nos sentirmos realizados, nos sentirmos "mais humanos", por questões de sobrevivência precisamos "acomodar" esta aspiração a determinados moldes que se ultrapassados acarretam em sanções sociais e restrições na vida cotidiana.

Revista Posição

Por fim, mesmo que gostemos do curso que nos matriculamos, sempre haverá restrições, trabalhos e imposições indesejadas que podem nos fazer perder o gosto ou mesmo criar uma terrível aversão e ódio com a área de estudos que antes adorávamos. Nossa capacidade de imaginar, de criar alternativas e de pensar o mundo de forma diferente é subtraída diante da necessidade de reproduzir a doutrina científica efetuando a manutenção de posições de prestígio.

Há então, na universidade, um processo de ressocialização que atrofia a criatividade e o pensamento crítico do estudante. A academia é divulgada como a fonte de todo o saber, a autoridade científica não permite ser questionada e a consequência disso é que não se exercita um pensamento autônomo. É necessário, portanto, criar uma consciência crítica antagônica à doutrina acrítica da academia e buscar aliar a outros indivíduos de modo a fortalecer o pensamento crítico e reflexivo, desenvolvendo formas de pensar autônomas. E isso implica em pensar a sociedade criticamente, questionando relações sociais de dominação, tipicamente as relações mais difundidas na sociabilidade capitalista.